

NOTÍCIA ATUAL DA CRÍTICA LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS

CURRENT NEWS OF MACHADO DE ASSIS'S LITERARY CRITICISM

Tiago Leite Costa⁷⁶

RESUMO: O artigo apresenta uma análise da atividade crítica de Machado de Assis com o objetivo de refletir sobre possíveis diálogos entre sua obra ensaística e determinados dilemas da crítica literária contemporânea. A hipótese do texto é a de que Machado de Assis foi um interprete ambíguo do cenário literário de sua época, produzindo um conjunto de reflexões passíveis de inúmeros desdobramentos contraditórios no âmbito dos estudos de literatura brasileira contemporânea. O artigo fundamenta sua pesquisa nos ensaios críticos de Machado de Assis e na fortuna crítica referente a esses ensaios. A metodologia utilizada é a da análise teórica e crítica da bibliografia indicada ao final do artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; literatura brasileira; crítica literária.

ABSTRACT: The article presents a panoramic reflection on the critical activity of Machado de Assis with the purpose of discussing its role in the tradition of the national essayist thought. The hypothesis of this paper is that Machado de Assis was an extemporaneous interpreter, who produced a set of reflections whose originality remains source for innumerable insights in the fields of literary studies and studies of Brazilian literature. The article bases its research on Machado de Assis's critical essays and on the critical fortune regarding these essays. The methodology used is the theoretical and critical analysis of the bibliography indicated at the end of the article.

KEYWORDS: Machado de Assis; brasilian literature; literary criticism

1. INTRODUÇÃO

“(…) perguntarei se o Hamlet, o Otelo, o Júlio Cesar, a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês. Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a

⁷⁶ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com período sanduíche em Universidad Nacional de Rosario. Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor da Faculdades Integradas Maria Thereza e da Pós-graduação *Lato Sensu* da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: tiagoleite79@gmail.com

empobrecam. O que se deve exigir de um escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (ASSIS, *Notícia atual da literatura brasileira*.1942, p.139).

A passagem acima é provavelmente a mais conhecida e reproduzida da obra crítica de Machado de Assis. Como se sabe, trata-se de um excerto de *Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade*, ensaio que até hoje causa espanto pela extemporaneidade e precisão com que traçava o diagnóstico da nascente literatura brasileira. Não à toa, continua frequente sua evocação sempre que a contenda do nacionalismo artístico renasce das cinzas.

O tema da identidade nacional não desapareceu do campo dos estudos literários, mas é inegável que o assunto cedeu terreno para a reflexão sobre outros dilemas culturais e estéticos. Esta mudança geralmente tem se refletido na demanda por teorias capazes de interagir com novos mecanismos de representação, voltados para novas concepções de identidade. De preferência, teorias capazes de forjar uma crítica literária ágil o suficiente para lidar com o cipoal de formas digitais e de novos autores, impossíveis de serem explorados unicamente com os mapas teóricos do século passado.

O ideal, no entanto, seria que essa renovação não se fizesse alheia à visão histórica. Por mais desconfiados que estejamos das velhas premissas ontológicas da historiografia e de seus determinismos socioculturais, nenhuma mudança original e consistente se faz sem um cuidadoso olhar para o retrovisor. Até porque a consciência do caráter construído da História não a torna descartável. Antes, desafia os pesquisadores a produzirem novas versões capazes de desestabilizar a interpretação oficial do passado e, com isso, ressignificar nossas certezas presentes.

Assim, uma das tendências mais enriquecedoras dos estudos de literatura brasileira tem sido a da elaboração de novas genealogias da nossa tradição literária. A redescrição da história da literatura, calcada em abordagens interdisciplinares, tem

produzido versões alternativas de autores consagrados e recuperado nomes ignorados pela historiografia literária.

Há algumas décadas esse trabalho vem sendo realizado em inúmeras frentes no que concerne à reinterpretação do nosso cânone poético e romanesco. Porém, é relativamente exíguo o número de pesquisas que apontam para novos olhares sobre a tradição crítica ensaística nacional. Algo compreensível, tendo em vista a transitoriedade inevitável das hipóteses teóricas do campo das artes e da cultura. Transitoriedade pela qual a literatura de ficção criativa se reinventa continuamente, mas que relega muitos pressupostos conceituais ao ostracismo.

Isso não significa, é claro, que a crítica literária esteja fadada ao mofo. Os críticos verdadeiramente inventivos podem perfeitamente ter suas análises reinterpretadas e servirem como agentes da desconstrução dos juízos históricos cristalizados, enriquecendo os dilemas contemporâneos.

Nesse sentido, diante das incansáveis demandas para a renovação do pensamento crítico nacional, é importante produzir investigações que se disponham a conceber novas cronologias para o gênero no Brasil, erguendo novas pontes teóricas entre a crítica moderna e a contemporânea. A hipótese do presente texto é a de que a obra ensaística de Machado de Assis é uma peça relevante nessa arquitetura.

Machado exerceu a crítica literária antes de se tornar romancista. Em diversos artigos e ensaios escritos para jornais, entre as décadas de 1850-70, o leitor encontra um crítico engajado, não apenas na avaliação pontual do que se produzia na época, mas principalmente na tarefa de indicar caminhos para a formação de autores e leitores brasileiros.

Embora conhecidos, em poucas ocasiões esses ensaios foram analisados e concebidos como um conjunto autônomo, caracterizado por traços específicos. Existem relativamente poucos trabalhos de fôlego dedicados à sistematização das ideias apresentadas nesses textos, de modo a interpretá-los como uma unidade com suas coerências e incongruências.

A constante renovação dos estudos sobre a obra ficcional do autor não parece ser acompanhada de pesquisas sobre a singularidade de sua obra crítica. Esta, geralmente, é utilizada como apoio para análise de seus romances ou para a ilustração de discussões pontuais sobre literatura brasileira. Todavia, raramente o percurso inverso é traçado, isto é, raramente dispõe-se do repertório analítico sobre a ficção de Machado e sobre crítica literária nacional para entender seus ensaios.

Não obstante, é possível depreender uma série de atributos peculiares às ideias e à linguagem de seus textos críticos, que, examinados em suas particularidades discursivas, podem enriquecer a compreensão do pensamento de Machado de Assis sobre a literatura e sobre a composição de seus romances, bem como auxiliar no entendimento do debate literário do século XIX.

Não tenho a pretensão aqui de preencher esta lacuna dos estudos machadianos em um breve artigo. A intensão é apenas apresentar uma linha de investigação que julgo ser ainda pouco explorada. Se de alguma forma contribuir para aguçar o interesse de pesquisadores na renovação dos estudos sobre a obra ensaística de Machado, o objetivo do texto terá sido cumprido.

2. OS DOIS MACHADOS

Poderíamos começar afirmando que, historicamente, Machado foi relegado a coadjuvante no cânone ensaístico brasileiro porque sua obra crítica, além de circunscrita à dita primeira fase do autor, não pode ser comparada em importância ao papel único de sua ficção na história da nossa literatura. De todo modo, críticos de primeira linha sempre destacaram a qualidade singular desses textos. Para que, de fato, uma nova interpretação da obra crítica de Machado seja possível seria preciso primeiro revisitar as análises tradicionais destes ensaios, como as de Mário Alencar (1942), Tristão de Ataíde (1986), Afrânio Coutinho (1968), José Aderaldo Castello

(2013), Marlene de Castro Correia (2015)⁷⁷ e José Guilherme Merquior. Este último, por exemplo, chega a afirmar que:

Machado não foi só um criador crítico, foi também o mais elevado e capaz praticante de crítica per se, da crítica enquanto tribuna estética, e enquanto análise e julgamento de obras literárias, que o Brasil possui no século passado. Os seus principais ensaios: “Instinto de Nacionalidade” (1873), a apreciação de “O Primo Basílio” (1878), “A nova geração” (1879) – não têm o que os sobrepuje na produção crítica contemporânea, sem excluir os melhores estudos de Romero, Veríssimo ou mesmo Araripe Jr. (MERQUIOR, 1977, p.161).

Em seguida, seria importante contrastar a fortuna crítica tradicional sobre a obra ensaística de Machado com leituras renovadoras realizadas por estudiosos contemporâneos como José Luiz Jobim (2010), Paulo Franchetti (2007), Edison Bariani (2007), João César de Castro Rocha (2013) e Gustavo Bernardo (2013).

Cruzando as referências mencionadas acima, o primeiro ponto que se pode destacar é o de que não há consenso sobre quem é o crítico Machado de Assis. Tal constatação talvez pareça óbvia, dadas as notórias divergências sobre o romancista Machado. Como aponta Antônio Cândido (2004), do século XIX até o fim do século XX, cada geração parecia descobrir um escritor diferente em seus livros. Sucederam leituras irônicas, filosóficas, psicológicas e sociais de sua obra, das quais se inferia a representação da dúvida existencial, a mistura entre fato e imaginação, a crítica velada à sociedade oligárquica brasileira, entre outros motes. Resumindo, se não há consenso possível acerca da ficção machadiana, por que haveria sobre os seus ensaios críticos?

Acontece que, ao contrário da pluralidade de interpretações que seus romances sugerem, a discordância acerca da obra crítica de Machado se divide fundamentalmente em duas leituras opostas. De um lado, existem os que enxergam

⁷⁷ Todas as datas fazem referem às edições indicadas na bibliografia e não ao ano de produção dos textos.

em seus ensaios uma espécie de incubadora na qual é possível prenunciar o salto da década de 1880 em diante. Do outro, situam-se os que leem na obra crítica o retrato da visão conservadora do “Machadinho”⁷⁸, em tudo alheia à guinada radical de *Brás Cubas*. De certa forma, essa dualidade reflete a famosa contenda dos estudos machadianos acerca da unidade ou da divisão da sua obra em duas fases. Entretanto, na recepção da crítica machadiana, esse binarismo parece se potencializar, revelando material profícuo para a releitura contemporânea de seus ensaios. Senão, vejamos.

Existe uma sutil correlação entre o contexto no qual Machado escrevia suas principais críticas literárias e o atual cenário das discussões sobre a literatura brasileira. Como se sabe, então se anunciava a decadência do Romantismo junto aos presságios da nova literatura, liderada pelo Realismo. Em geral, Machado era contrário tanto à obsessão romântica pela “cor local”⁷⁹ quanto à “poética de inventário” realista. No entanto, defendia que o fundamental era distinguir méritos e limitações de ambos os projetos. Para além dos modismos, estava interessado em compreender a intrincada autonomia do fenômeno estético.

Não falta quem conjugue o ideal poético e o ideal político, e faça de ambos um só intuito, a saber, a nova musa terá que cantar o Estado republicano. Não é isto, porém, uma definição, nem implica um corpo de doutrina literária (...). Essa aspiração ao reinado da justiça (que é afinal uma simples transcrição de Proudhon) não pode ser uma doutrina literária; é uma aspiração e nada mais. (...). Mas entre uma aspiração social e um conceito estético vai diferença; o que se precisa é uma definição estética. (ASSIS, *A nova geração*, 1942, p.191-194).

Confrontada com a interpretação sociológica da literatura em voga na época (CORREIA, 2015), essa era uma posição anômala para o contexto brasileiro. Para não

⁷⁸ Conforme o célebre epíteto de Augusto Meyer no clássico ensaio *De Machadinho a Brás Cubas* de 1958 (2006).

⁷⁹ Ressalte-se que Machado apresenta algumas oscilações de juízo sobre as concepções românticas. Essa alternância pode ser observada no trajeto que vai de *O presente, o passado e o futuro da literatura brasileira* (1858) à *Instinto de nacionalidade* (1873), passando pela resenha de *Iracema* (1866) de José de Alencar. A crítica de 1873 não tem respaldo na amena e estratégica postura dos textos de 1858 e 1866.

dizer ambígua, uma vez que desatava cabrestos políticos (românticos ou realistas) em nome de difusas e suspeitas “Regras da arte”, “Leis poéticas”, “Leis do belo”, frequentemente mencionadas nos ensaios.

É provável que o que Machado entendesse como “Princípios da arte” não fosse exatamente um imobilismo classicista. Ao menos é o que dá a crer certas passagens nas quais lamenta que alguns jovens autores ainda cedessem a expedientes mecânicos, nos quais persistiam “as epopeias, os Prometeus, os gigantes, as Babeis, todo esse vocabulário de palavras grandes destinadas a preencher o vácuo das ideias justas” (ASSIS, *A nova geração*, 1942, p.250).

Talvez, então, como hipótese provisória, pudéssemos dizer que Machado inclinava-se a uma espécie de “suspensão dialética” entre o eterno-transitório, o universal-local, social-individual e a técnica-inspiração. Desta perspectiva é que ele censurava tanto os arroubos subjetivos dos byronianos quanto a grandiloquência condoreira. Também era deste ângulo que recriminava a crueza descritiva dos realistas, aconselhando aos mais jovens: “Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo; assim não sacrificamos a verdade estética”. (ASSIS, *O primo Basílio*, 1942, p.185).

É difícil bater o martelo enfático sobre os reais motivos encobertos por essa “suspensão dialética”. Talvez fosse a vontade de se manter equidistante em relação às correntes literárias que disputavam a hegemonia cultural da época. Uma sincera recusa a fazer papel de “chefe de escola”. Por outro lado, sua famosa aversão à polêmica sugere a muitos uma postura pusilânime, frequentemente alinhada ao silêncio das elites sobre assuntos políticos urgentes.

Enfim, não é novidade que independência e conservadorismo dividam as opiniões sobre o cerne da personalidade de Machado e sua visão sobre literatura e a cultura brasileira. Porém, é curioso perceber como seus ensaios são, particularmente, um solo fértil para associações opostas da parte de diferentes críticos literários que buscam em Machado apoio para seus diagnósticos contemporâneos.

Desse modo, Luiz Costa Lima, no texto *Letras à míngua – a literatura brasileira precisa se desvincular da ideia de nação para sobreviver* (2006), faz um aberto elogio à Machado e a sua “tática de capoeira nas relações sociais”. Segundo Costa Lima, foi por meio dela que o “bruxo” conseguiu a proeza de fugir do beletrismo e do nacionalismo literário ao mesmo tempo que fundava a Academia Brasileira de Letras e ficava de bem com os letrados e demais confrades da oligarquia local.

Costa Lima evoca o texto *Instinto de Nacionalidade* como exceção no cenário de indigência histórica da reflexão conceitual brasileira, o que, segundo ele, teria reduzido a literatura a um juízo crítico tradicionalista/nacionalista, impedindo a renovação do cânone literário.

Há alguma coisa a fazer contra isso? Um ponto de partida cabível seria o reexame da questão da literatura nacional. Afinal, quando nos dedicamos à literatura, nosso foco principal é a literatura ou seu qualificativo, ser ela desta ou daquela nacionalidade? O conceito de nacional não tem limites? Ninguém cogita a nacionalidade do saber científico. A extensão do conceito de nacionalidade à literatura e à cultura em geral era explicável no contexto do século 19. Mantê-la, nos dias que correm, significa reduzir a literatura, no melhor dos casos, a documento do cotidiano. Mas como empreender esse questionamento sem a reflexão teórica? (LIMA, 2006)

A questão das diretrizes da literatura nacional não se extinguiu com o fim do século XIX, mas se metamorfoseou em função dos diferentes contextos políticos e culturais do século XX. No entanto, hoje em dia, o declínio da temática é flagrante em todas as instâncias da produção cultural. É estranho que Costa Lima não tenha percebido a obsolescência do problema ainda que 10 anos atrás.

Seja como for, 10 anos depois, Alcir Pécora recorre ao mesmo ensaio de Machado para fazer um diagnóstico oposto. De acordo com Pécora, o esvaziamento do projeto nacional moderno parece ter deixado um vácuo de referência para o pensamento crítico. Ainda que não defenda exatamente um retorno ao nacionalismo,

Pécora lamenta a perda de referências fortes - como o nacional ou a política - pelas quais a literatura intervia no debate público.

Na ideia de “instinto de nacionalidade”, de Machado, a centralidade da literatura no debate nacional estava posta com toda a energia. Agora estamos do outro lado do parafuso, numa espécie de “entre-lugar” –; um “entre-lugar” porque o nacional já não alcança obter nenhuma representação importante e porque o internacional tampouco dá à forma literária relevância maior do que a da expressão pessoal ou da representação de comunidades restritas, de grupos de “subjetividades expandidas” e, paradoxalmente, de “eus mínimos” (...). Quando Machado escreve esse ensaio, a literatura parecia ser o lugar justo para pensar o país e qualquer outra coisa que dissesse respeito à vida pessoal e pública. Hoje o âmbito se reduziu à senha de pertença a pequenos grupos. Na rede social é assim, mas na literatura que fica lançando piscadinhas para o leitor também. (PÉCORA, 2015)

Independente de concordarmos com Costa Lima ou Pécora, o interessante é perceber a discrepância de interpretações que os ensaios suscitam. Assim, o mesmo Machado pode servir como exemplo de um crítico à frente de seu tempo porque descartava ou porque valorizava a centralidade da questão nacional como mote para se arquitetar uma literatura vigorosa.

O tema do nacionalismo, no entanto, está longe de esgotar os pontos de contato entre as reflexões de Machado e as análises sobre o atual cenário dos estudos de literatura brasileira. Outro dilema que parece espelhar preocupações de ontem e de hoje é o do papel do crítico literário. Esse sem dúvida era um dos principais motores dos ensaios. Machado frequentemente expressava sua preocupação com a importância de se formar uma geração de críticos literários competentes, sem a qual seria impossível promover a independência da literatura brasileira de sua matriz europeia. Todavia, o sectarismo enraizado de nossa elite intelectual parecia obstruir a evolução do exercício crítico. Em *O ideal do crítico*, de 1866, Machado explicita sua preocupação:

A profissão do crítico deve ser uma luta constante contra todas essas dependências pessoais, que desautoram seus juízos, sem deixar de perverter a opinião. Para que a crítica seja mestra, é preciso que seja imparcial, – armada contra a insuficiência dos seus amigos, solícita pelo mérito dos seus adversários” (ASSIS, *O ideal do crítico*, 1942, p.11).

Este é um tema que parece não envelhecer. Em 2010, na ocasião da morte do crítico Wilson Martins (e por conta de homenagens ao mesmo), Flora Sussenkind escreveu um artigo lançando fogo para todos os lados. O que a revoltava, então, era a bajulação do falecido pelos piores motivos: nostalgia e proselitismo. Algo que lhe parecia definir a situação do atual debate literário brasileiro, marcado por:

um certo culto à autodivulgação e à vida literária que parecem se expandir (em prêmios, concursos, revistas, blogs, antologias, bolsas de criação) em movimento inverso ao da restrição que se opera no campo da produção e da compreensão da literatura, ao da quase total desimportância de livros e mais livros que se acumulam sem maior potencial de instabilização, sem provocar qualquer desconforto, sem fazer pensar (SUSSEKIND, 2010).

Assim como no século XIX, ainda hoje, esperamos do crítico a imparcialidade capaz de ser implacável com os amigos e generosa com os adversários. No entanto, se existe alguma coisa que aprendemos no meio do caminho (ou seja, no século XX) é que não existe um lugar neutro e criterioso a partir do qual seriam conferidos os juízos estéticos imparciais. Primeiro porque, depois das vanguardas artísticas, a ideia de critérios estéticos consensuais foi para o espaço. Segundo, porque, depois da teoria cultural da década de 1960, sabemos que não existe nenhum vocabulário neutro. Os diferentes grupos que compõem as sociedades modernas não reconhecem as mesmas raízes culturais históricas nem partilham os mesmos projetos para o futuro, logo não há uma gramática comum em nome da qual falaria o *crítico ideal*.

Tal constatação, longe de resolver, parece agravar o problema do papel do crítico e de como este poderia fugir aos circuitos proselitistas que historicamente balizam o debate intelectual nacional. Assim como no final século XIX, não existe hoje

em dia uma estratégia hegemônica para lidar com a crise de referências. Todavia, alguns estudiosos têm detectado uma espécie de recrudescimento do realismo.⁸⁰

Como correu na década de 1870 e 1970, mais uma vez, presenciamos a reedição do “realismo literário”. O chamado “novo-novo realismo” da literatura brasileira contemporânea (o “novo realismo” seria o de 1970) almejava “ser simultaneamente ‘engajado’ sem necessariamente subscrever nenhum programa político”. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.54). Aqui encontramos mais uma zona de interseção com nosso objeto de estudo. A bem da verdade, nenhum dilema teórico é mais frutífero para se traçar relações entre os ensaios machadianos e os estudos de literatura contemporânea do que o problema do realismo literário.

Há de se perguntar: o que significa esse incessante retorno do realismo? Provavelmente existe mais de uma explicação para o fenômeno. Contudo, não parece exagerado afirmar que os diferentes realismos literários partilham a crença de que é preciso revelar a realidade nua e crua para que haja a possibilidade de superação de seus aspectos negativos. Se isso for verdade, o que queria dizer Machado de Assis no ensaio “A Nova Geração” quando afirma que “a realidade é boa, o realismo é que não presta.” (ASSIS, 1942, p.203)?

Segundo Gustavo Bernardo, nessa passagem, Machado expõe o que discurso realista afirma nas entrelinhas: “a realidade é ruim, decerto, mas eu sou bom porque eu e só eu consigo perceber como a realidade é ruim”:

Logo, o realista considera a realidade como má para então poder se considerar como bom, ou seja, como o único capacitado a ver a realidade como má. Não é mera coincidência qualquer semelhança da estrutura do argumento com a estrutura do ressentimento tantas vezes denunciada por Nietzsche. O realista é, na visão machadiana, antes de tudo um ressentido, recusando qualquer perspectiva que não seja a sua ou que não o coloque como centro do mundo e da verdade. Em consequência, o realista também é antes de tudo um dogmático, usando sua própria condição de realista

⁸⁰ (SCHOLLHAMMER, *Ficção brasileira contemporânea*, 2009), (PELEGRINI *Realismo: modos de usar*, 2012), (TONANI, *A volta da realidade das margens*, 2012), entre outros.

autonomeado para desqualificar qualquer pensamento divergente (BERNARDO, 2013, p.86).

Para sabermos se concordamos ou não com o raciocínio de Gustavo Bernardo é indispensável o exame dos famosos ensaios sobre *O Primo Basílio*, nos quais Machado investe contra o romance de Eça de Queirós. Ao lado de *Instinto de nacionalidade*, trata-se do trabalho crítico mais importante para quem quer entender a posição de Machado sobre a literatura moderna. Segundo José Jobim, nessa crítica ao escritor português, “Machado está produzindo uma justificativa para o projeto literário que vai empreender em sua chamada fase madura, projeto que se baseia numa certa compreensão do sentido da herança romântica e do Realismo/Naturalismo, para produzir em relação a ambos uma diferenciação (...)” (JOBIM, 2010, p.7).

Como veremos, esta não é uma conclusão unânime. Assim como em outros ensaios, a “suspensão dialética” de Machado se faz presente nas suas tentativas de detectar pontos positivos e negativos da literatura de Eça, ao mesmo tempo que rechaça as coordenadas estéticas do realismo e do romantismo.

Pro outro lado, este talvez seja um dos ensaios mais contundentes de Machado. Ao longo do texto, ele deixa claro seu incômodo com a obsessão fotográfica da “literatura de inventário” de Eça. Particularmente com os detalhes das cenas de alcova entre Luísa e Basílio. Como se Eça não quisesse deixar margem para o leitor devanear. Artifício que, na opinião de Machado, empobrecia a literatura naquilo que dá sentido a sua existência: a incompletude, a ambiguidade, a dúvida, enfim, a abertura para a imaginação. Abaixo, segue um excerto da conclusão do segundo ensaio (sua réplica às reprimendas que sofreu na ocasião da primeira crítica).

Se eu tivesse de julgar o livro pelo lado da influência moral, diria que, qualquer que seja o ensinamento, se algum tem, qualquer que seja a extensão da catástrofe, uma e outra coisa são inteiramente destruídas pela viva pintura dos fatos viciosos: essa pintura, esse aroma de alcova, essa

descrição minuciosa, quase técnica, das relações adúlteras, eis o mal. A castidade inadvertida que ler o livro chegará à última página, sem fechá-lo, e tornará atrás para reler outras (...) Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o Realismo, assim não sacrificaremos *a verdade estética*⁸¹ (...).

Ora, o realismo dos Srs. Zola e Eça de Queirós, apesar de tudo, ainda não esgotou todos os aspectos da realidade. Há atos íntimos e ínfimos, vícios ocultos, secreções sociais que não podem ser preteridas nessa exposição de todas as coisas. Se são naturais para que escondê-los? Ocorre-me que Voltaire, cuja eterna mofa é a consolação de bom senso (quando não transcende o humano limite), a Voltaire se atribui uma resposta, da qual apenas citarei metade: *Très naturel aussi, mais je porte des culottes*.

Quanto ao Sr. Eça de Queirós e aos seus amigos deste lado do Atlântico, repetirei que o autor d'*O Primo Basílio* tem em mim um admirador de seus talentos, adversário de suas doutrinas, desejoso de o ver aplicar, por modo diferente, as fortes qualidades que possui; que, se admiro também muitos dotes do seu estilo, faço restrições à linguagem; que o seu dom de observação, aliás pujante, é complacente em demasia; sobretudo, é exterior, é superficial. O fervor dos amigos pode estranhar este modo de sentir e a franqueza de o dizer. Mas então o que seria a crítica? (ASSIS, 1994)

A passagem é um pouco longa, mas importante para expor a ambivalência que sustenta a hipótese do presente artigo. Pelo que podemos ler acima, não fica claro se a indignação com o realismo de Eça era, sobretudo, de ordem formal ou moral. Até porque, quem pode afirmar com precisão o que Machado queria dizer com *a verdade estética*, a qual supostamente o realismo estaria sacrificando? Ocorre que a depender de qual dos timbres soar mais alto na interpretação do leitor extraímos dois Machados diferentes de seus ensaios.

Para Gustavo Bernardo, o ânimo revolucionário e descortinador que caracteriza o realismo literário, esconde sua faceta servil às regulações classificadoras, esgotadoras, enquadradoras do racionalismo. Enquadramento que, inclusive, tentou infrutiferamente classificar de realista a própria literatura machadiana ao longo dos anos, que já transitou pelo “realismo de sondagem moral”; “realismo psicológico”; “realismo interior”; “realismo enganoso”; “realismo fenomenológico” ou apenas “realismo” entre aspas. A necessidade de salvar a

⁸¹ Grifo meu.

etiqueta realista a qualquer custo - constatável em seus incessantes retornos - revela o temor ancestral que a ficção inspira e sempre inspirou. Qual seria o sentido de categorias autocontraditórias como o “realismo mágico” senão domar a potência subversiva e desestabilizadora que a ficção representa para as regulações normativas.

Desse prisma, a crítica de Machado ao realismo baseia-se na autoconsciência própria da literatura de que a linguagem é invenção. Este é o seu maior reservatório crítico. Na literatura não é necessário reduzir a multiplicidade de vozes que tecem o discurso cultural a um significado dominante. Assim, o que a crítica de Machado teria a dizer aos novos realismos de engajamento social ou autobiográficos que surgem na literatura nacional contemporânea seria algo como: é preciso alimentar o enigma, a ambiguidade e o paradoxo. É aí que se encontra a força da literatura.

Claro, isso se nós compactuamos com o argumento de que os ensaios são um anúncio do Machado maduro. Entretanto, existe uma chave de leitura oposta a que acabamos de apresentar. Para alguns estudiosos, os ensaios revelam um crítico normativo e conservador. Esta, por exemplo, é a opinião de João César de Castro Rocha (2013), para quem os artigos sobre *O Primo Basílio* representam o ocaso da primeira fase machadiana. O último suspiro do “Machadinho”.

(...) O Machadinho de 1878, isto é, o leitor de *O primo Basílio*, certamente condenaria o Machado de 1880, ou seja, o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Para o crítico moralista de 1878, as aventuras de Brás Cubas pareceriam desnecessariamente eróticas; o móvel de suas ações pouco definido; sobretudo, o crítico normativo de 1878 rejeitaria a falta de verossimilhança de um defunto narrador (...) (ROCHA, 2013, p.122)

Assim como vimos ocorrer com *Instinto de nacionalidade*, um mesmo ensaio machadiano (agora *O Primo Basílio*) sugere a dois críticos atuais interpretações completamente díspares. Para João Cezar de Castro Rocha, o ensaio longe de ser uma crítica libertadora dos limites do realismo de Eça, é, na verdade, a exposição do

ressentimento moralista de Machado em relação à obra despuorada do português. Segundo esse argumento, deveríamos evitar o equívoco de ler toda a obra de Machado como se tivesse sido escrita pelo autor da década de 1880 em diante.

(...) a fim de produzir a revolução Brás Cubas, o autor Machado precisou despedir-se de Machadinho leitor de *O primo Basílio*. A crítica machadiana não tem sido capaz de dizê-lo com clareza necessária porque parte do pressuposto otimista de que coincidem o leitor do romance de Eça e o autor de *Memórias Póstumas*. (ROCHA, 2013, p. 122-123).

Para João Cézar de Castro Rocha, a birra contra o realismo de Eça precisou ser superada para que Machado desenvolvesse uma maneira própria de ser, ao mesmo tempo, pré-romântico e pós-romântico. Na hipótese de Rocha, essa linguagem singular que emerge na segunda fase está ligada a uma espécie de reinvenção da clássica *poética da emulação*. A estratégia machadiana consistiria num conjunto de técnicas de composição ligado à “compressão dos tempos históricos e, daí, o exercício do anacronismo deliberado; o primado da invenção sobre a criação, portanto, a centralidade da tradução; a precedência da leitura em lugar da escrita, logo, uma noção especial de autoria” (ROCHA, 2013, p.354).

Nesse sentido, o que o Machado *pós-Brás Cubas* de Rocha teria a dizer aos novos realismos de engajamento social ou autobiográfico da literatura nacional contemporânea seria algo como: o problema não é a realidade, mas a maneira como a sua literatura vai traduzir a tradição para os tempos atuais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, quem é o Machado crítico literário? Suas concepções sobre a criação literária e sobre a literatura brasileira são intempestivas ou simplesmente ultrapassadas? No presente artigo busquei defender a hipótese de que o exame da fortuna crítica sobre os ensaios machadianos aponta para uma contenda clássica acerca da existência de uma continuidade ou de uma ruptura na obra de Machado.

Procurei demonstrar igualmente como essa dualidade sugere diálogos diferentes entre a crítica de Machado e os dilemas da literatura brasileira contemporânea.

Para concluir é preciso dizer que não há uma síntese possível para a dicotomia apresentada, simplesmente porque não há uma interpretação conclusiva de sua obra ficcional. Logo, tentar limitar sua obra crítica a uma preparação para o Machado maduro ou a uma prova categórica da descontinuidade de suas ideias já implicaria escolher um dos lados da crítica machadiana tradicional. No entanto, a meu ver, tal escolha só poderia empobrecer a pluralidade de leituras que sua linguagem ambígua sugere aos leitores contemporâneos. Em resumo, é bom que jamais saibamos categoricamente em nome de quais propósitos Machado criticava esta ou aquela corrente literária e tendência ideológica em seus ensaios.

Segundo Antonio Candido (2004), a unanimidade em torno do nome de Machado de Assis está ligada a algo que diferenciava a sua literatura daquela praticada em sua época. Alguma coisa que, ao mesmo tempo, foi reconhecida pelos seus contemporâneos como singular, e que também se manteve significativa para as gerações de leitores do século XX, que se formaram lendo Kafka, Joyce, Borges etc. Creio que podemos dizer o mesmo de seus ensaios, que reúnem a sagacidade dos seus romances maduros e certo conservadorismo da fase inicial, deixando abertas as portas para as mais variadas e contraditórias interpretações de suas ideias.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mário de. Prefácio da edição de 1910. In: ASSIS, J. *Crítica Litterária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crítica Litterária*. W. M. Jackson, 1942.

_____. *Obra completa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. O Primo Basílio. In *Obra Completa de Machado de Assis*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Disponível em:

<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8274>
Acesso: 09/2017.

ARARIPE JR., Tristão de Alencar. *Machado de Assis*. In: Revista Brasileira. Rio de Janeiro. Ano I, 1995. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&PagFis=8323>

Acesso: 10/2017.

ATAÍDE, Tristão de. Machado de Assis, o crítico. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BARIANI, Edson. O silêncio do desdém: o crítico Machado de Assis. ÍCONE: Revista de Letras, v. 1, p. 85-92, São Luís de Montes Belos, dez. 2007. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/edison.pdf>. Acesso: 10/2017.

BERNARDO, Gustavo. *O problema do realismo de Machado de Assis*, Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis – o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CORREIA, Marlene Castro. A atualidade da crítica de Machado de Assis.

Littera/Grifo, ano 1, n. 2, p. 3-21, Rio de Janeiro, maio-ago. 1971. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212015000200003. Acesso: 10/2017.

CASTELLO. José Aderaldo Castello. Ideário crítico de Machado de Assis (breve contribuição para o estudo de sua obra). In: *Machado de Assis em linha*. v. 6, n. 12, p. 01-14, Rio de Janeiro, dezembro 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mael/v6n12/a02v6n12.pdf> Acesso: 10/2017.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

EULÁLIO, Alexandre. *Escritos*. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; Editora Unesp, 1992.

FRANCHETTI, Paulo. *O primo Basílio e a batalha do Realismo no Brasil*. In: *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

GLEDSON, John. *Machado de Assis : impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras 1991.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp/ Nankin, 2004.

JOBIM, José Luís. Machado de Assis: o crítico como romancista. In: *Machado de Assis em linha*, ano 3, número 5, Rio de Janeiro, junho 2010. Disponível em: <http://machadodeassis.net/download/numero05/num05artigo07.pdf>. Acesso: 10/2017.

LIMA, Luiz Costa. *Letras à míngua*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2708200608.htm>. Acesso: 10/2017..

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

MEYER, Augusto. *De Machadinho a Brás Cubas. Teresa: revista de literatura brasileira*. V.6. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revistateresausp&pagfis=1735&pesq=> Acesso: 10/2017.

PÉCORA, Alcir. *Apolítica, uma literatura de segundo grau*. *Sibila: revista de poesia e crítica literária*. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://sibila.com.br/critica/apolitica-uma-literatura-de-segundo-grau/11557>. Acesso: 9/2017.

PEREIRA, Cilene Margarete. *Os prefácios dos romances iniciais e o método de composição de Machado de Assis*. In: *Crítica Cultural*, v.8 , n.1. p. 85-98. Santa Catarina: UNISUL, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/tiago%20costa/Documents/concursos/Prefácios%20de%20Machado.pdf> Acesso: 10/2017.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: (estudo crítico e biográfico)*. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: modos de usar. In: *SciELO: Estud. Lit. Bras. Contemp.* n.39 Brasília Jan./June 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182012000100001 Acesso: 10/2017.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ROMERO, S. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

_____, *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 1990.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2009.

SÜSSEKIND, Flora. *Crítica como papel de bala O Globo*. Rio de Janeiro, 24 de abril de 2010. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-critica-como-papel-de-bala-286122.html>. Acesso: 10/2017.

TONANI, Paulo Roberto. *A volta da realidade das margens*. In: *Scielo. Estud. Lit.*

Bras. Contemp. no.39 Brasília Jan./Jun. 2012. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182012000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso: 10/2017.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil – 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

Recebido em 06/04/2018.

Aceito em 16/09/2018